

## EROS, THANATOS, ÍCARO, POMBAS E MORCEGOS

Franklin Goldgrub

As famosas teses sobre a importância e a extensão da sexualidade valeram a Freud uma animosidade considerável por parte de seus indignados concidadãos; em compensação, um diminuto grupo de discípulos convictos congregou-se ao redor do excomungado. Mas quando ele publicou o rápido ensaio especulativo intitulado *Além do Princípio do Prazer* (1920), mesmo os mais fiéis balançaram a cabeça pesarosamente. Admitir que a morte aguardava emboscada em Venusberg era algo excessivo, principalmente depois da psicanálise ter-se tornado digerível graças ao declínio da intolerância (ou da virtude) geral: sem dúvida, Herr Professor queimava desnecessariamente um logotipo promissor que unia inconsciente, sexo e vida.

Com que fio tecem as parcas? Narciso despenca no lago e quebra o espelho das águas. Um mero óbolo na pálpebra fechada como uma algibeira para que o barqueiro navegue pelo Leteso “Dormir... esquecer... morrer”. O esqueleto encapuçado perambula com sua foice ao ombro por toda a Idade Média e se convida sem preconceitos dos castelos às choupanas. Não é antipático; sorri o tempo todo para seus anfitriões involuntários e aterrorizados. Alguns séculos depois, serão os corredores, as macas, o branco imaculado dos oficiais (sacristãos ou sumosacerdotes), e sobretudo a vítima sacrificial, centro das atenções e do ritual, reinando impetritiva num altar de tubos, fios e painéis piscantes, acometidos de um interminável tique nervoso. Ainda não somos eternos, mas mediante algo mais que um mero óbolo podemos ficar acenando indefinidamente a bordo de um barco que não parte. Não importa; Caronte é paciente como Jó.

Sexo, juventude e vida eterna para todos. Um bom programa de governo. A ciência acede ao poder sob aplausos entusiastas e o novo clero, para não decepcionar ninguém, reza numa matemática tão incompreensível como o latim. Brota um admirável mundo novo a prova de pátinas e desbotamentos. Como não ter fé diante de tantos milagres? Mais alguns anos e a morte será tão obsoleta como o espartilho, os pedestres, a palmeira e o sabiá.

À maneira de um tropel de elefantes enlouquecidos, a AIDS irrompeu no interior desse paraíso futurista para violentar o palácio de cristal onde o prazer languidescia. Os

cataclísmicos exultaram: arrependei-vos, pecadores! Os arautos do império dos sentidos reagiram denunciando o ranço repressivo no bafo da múmia moralista, mas depois acusaram o golpe. Eis-nos aqui, senhor! De novo amor e morte unidos. A cassandra freudiana teria razão?

O câncer como metáfora, escreveu Susan Sontag. De que recôndita fantasia a nova peste será o símbolo privilegiado? A primeira das associações a apresentar-se é “contágio”. Nada contagia mais que o amor. A seringa da droga e da transfusão são, desse ponto de vista, descartáveis. A primeira representa a anestesia exigida pela dor da falta - mera subsidiária de uma ausência irrevogavelmente amorosa. A segunda não poderia deixar de evocar nossa dependência brutal em relação ao outro - sendo sua seiva imprescindível uma excelente maneira de dramatizá-lo. Mas sempre e em toda parte, o que está em jogo é a interpenetração letal que busca e antecede a simbiose.

Se a maternidade for mesmo o que a psicanálise supõe, então até o enigma feminino ter-se-ia deixado anexar ao campo da compreensão. Porém, o suicídio permanece intangível, mesmo porque os depoimentos prévios não podem ser levados a sério (cão que late... ) e os posteriores, por definição, permanecem indisponíveis. Mas se, numa hipótese descabida, não fossem? Podemos imaginar circunspectos o que seria uma enquete do gênero, com o simpático entrevistador, microfone-gravador-câmera a postos, atropelando as palavras scriptadas antes que o defunto se compenetre de suas novas obrigações lacônicas: “Quando o senhor (a senhora) tomou a irrevogável decisão? Arrependeu-se tarde demais? (Somente nos casos de morte lenta). Não se ofenda, mas não teria sido para chamar a atenção de alguém? Deixou uma mensagem para seus entes queridos? Não? Quer aproveitar agora, pelos microfones de sua rede... ?”.

Plim-plim. Nada disso. Antes mesmo de ser impossível, uma pesquisa do gênero fracassaria redondamente. O relatório Hite do suicídio revelaria como sempre porcentagens obtusas e irremediavelmente cegas em relação ao que nos interessa: seu sentido. Quanto a isso, nem nos mortos se poderia confiar. Não se trata de insinceridade; quem já não tem nada a perder, como dizia Brás Cubas em suas memórias póstumas, pode dar-se a certos luxos, entre eles o da franqueza. Mas assim como os motivos alardeados para as liquidações são intrinsecamente suspeitos, desde a entrega do ponto até um súbito acesso de filantropia, também as conhecidas alegações pré-tumulares (“cansaço da vida”, “questão de honra”, “perdi tudo”, “ela (ou ele) m: deixou e nada mais faz sentido”, etc.) só contentam os garimpeiros.

Freud, sempre ele, solta distraidamente umas indicações farejantes como perdigueiros adivinhando a caça distante. *“O masoquismo moral, assim, se torna uma prova clássica da existência da fusão do instinto (pulsão). Seu perigo reside no fato de ele originar-se no instinto (pulsão) de morte e corresponder à parte desse instinto que escapou de ser voltado para fora como instinto de destruição. No entanto, de vez que, por outro lado, ele tem a significação de um componente erótico, a própria auto-destruição não pode se realizar sem uma satisfação libidinal”*.

Em outras palavras, o repertório humano está cheio de gestos auto-destrutivos, desde querer namorar a garota mais bonita da escola até excomungar a heroína, passando pela velocidade, compulsão ao vídeo, tabacomania, alcoolismo, etc. Atrás de todos, perfila-se a silhueta de duas sombras gêmeas, chamadas culpa e ansiedade. A segunda quer sempre mais, a primeira se arrepende cada vez melhor.

Poder-se-ia realmente desejar a morte, para erradicar essa terrível dependência em relação ao outro? “Apresenta-se um problema difícil para a psicanálise, pois a morte é um conceito abstrato com um conteúdo negativo para o qual nenhum correlativo inconsciente pode ser encontrado” (*O Ego e o Id*, XIX, 75).

Assim, se a legislação idiana proíbe a outorga de cidadania a Thânatos, podemos perguntar a quem ela confiará a defesa de seus interesses. Nesse ponto, Sigmund é taxativo. Repitamos a la Pierre Menard, o personagem de Borges, a mesma citação, variando apenas o acento: *“... de vez que, por outro lado, ela tem a significação de um componente erótico, a própria autodestruição não pode se realizar sem uma satisfação libidinal...”* (XIX, 212).

Visto que não podemos desejar a morte, amemos. Paradoxo dos paradoxos, sem dúvida. Seu próprio criador confessa contrariado que *“... Seria possível representar o id como achando-se sob o domínio dos silenciosos mas poderosos instintos da morte, que desejam a paz e (incitados pelo princípio do prazer) fazer repousar Eros, o promotor de desordens...”* e sabemos que, em *Além do Princípio do Prazer*, o reino da morte é metaforizado pela compulsão à repetição que se mancomunaria a certa tendência regressiva ao inorgânico, quem sabe aparentada à lei física da entropia...

Três princípios, pois, regem a ambigüidade humana: nirvana, prazer e realidade (inorgânico, orgânico e psíquico?). Como essas bonequinhas russas, cada qual contém o outro em seu bojo, começando, é claro, da tendência a suprimir toda e qualquer excitação, passando pela exigência de descarregá-la o mais pronta e plenamente

possível, até aceitar a protelação, maior ou menor, do prêmio ambicionado. Assim, a morte seria como que uma massa capaz de exercer acentuada atração gravitacional, face à qual nossos esforços esboçariam desajeitados vôos de Ícaro, heróicos e provisórios. O sol do insaciável desejo alheio derreteria nossas asas de cera (quem sabe a mesma com que Ulisses tornou-se sabiamente surdo ao canto das sereias...) e ao cabo de umas quantas tentativas vãs estaríamos sensatamente dispostos a entabular negociações com as Parcas.

Tudo isso soa muito trágico, pois não? Não é à toa que o criador da psicanálise teria sido agraciado com o nobel do pessimismo, ainda não instituído. Mas, classicamente, a moeda tem dois lados. Poder-se-ia realmente desejar a morte para erradicar essa terrível dependência em relação ao outro? Tudo se passa como se desejássemos o outro para atenuar essa terrível dependência em relação à morte. Os dois lados teriam o mesmo peso? Jogada para o alto, a moeda cairia sempre em pé?

Seja como for, só Eros salva, mesmo ao preço de financiar seus prazeres ilusórios com uma bela dívida externa contraída junto aos macabros banqueiros do Além (do princípio do prazer). Uma outra dívida, porém, permanece insaldável: a da teoria com o suicídio. Já é tempo de calculá-la.

Suicídio. Tudo se passa como se desejássemos a morte para atenuar essa terrível dependência em relação ao outro. Mas já sabemos que a (nossa) inexistência é impensável. A imaginação, capaz de façanhas como aproximar o futuro breve do passado mais que perfeito, fracassa diante da comezinha tarefa de cogitar nossa ausência do grande espetáculo, fosse num tempo verbal remoto. Os vendedores de apólices de seguro é que sabem: os sonhos de perenidade se escondem inocentemente atrás do bem-estar votado aos beneficiários.

O que diria a esse respeito nossa eterna fonte oracular? *“A auto tortura na melancolia, sem dúvida agradável, significa, do mesmo modo que o fenômeno correspondente na neurose obsessiva, uma satisfação das tendências do sadismo e do ódio relacionadas a um objeto, que retomaram ao próprio eu do indivíduo nas formas que estamos examinando. Via de regra, em ambas as desordens, os pacientes ainda conseguem, pelo caminho indireto da autopunição, vingarse do objeto original e torturar o ente amado através de sua doença, à qual recorrem a fim de evitar a necessidade de expressar abertamente sua hostilidade para com ele”* (Luto e Melancolia, XIV, 284). Soframos, já que não podemos agredir. Assim, quem sabe, o

grande culpado se convença de que é melhor amar-nos, a menos que prefira o insuportável peso do remorso à inefável leveza do nosso ser.

Supondo, entretanto, que não consigamos convencê-lo, nada mais lógico do que persistir na estratégia. Isso explicaria inclusive o grande número de tentativas suicidas dir-se-ia abortadas não fosse o termo algo inapropriado para designar o fracasso na nobre tarefa de falecer voluntariamente.

Mas nem todos os nós são, como os das gravatas, meramente desconfortáveis, nem todas as pílulas ocasionam apenas uma bruta ressaca química, nem todos os tiros saem pela culatra. O que acontece quando acontece? *“A análise da melancolia mostra agora que o ego só pode matar-se se, devido ao retorno da catexia objetal, puder tratar a si mesmo como um objeto se for capaz de dirigir contra si mesmo a hostilidade relacionada a um objeto, e que representa a reação original do ego para com objetos do mundo externo. Assim, na regressão desde a escolha objetal narcisista, é verdade que nos livramos do objeto; ele, não obstante, se revelou mais poderoso do que o próprio ego. Nas duas situações opostas, de paixão intensa e de suicídio, o ego é dominado pelo objeto, embora de maneiras totalmente diferentes” (Luto e Melancolia, XIV, 285).*

Seria preciso, pois, que nos confundíssemos previamente com esse mundo que a princípio rejeitamos para proceder ao gesto fatal. Nada mal, desde que se possa entender como isso é feito.

Retomemos ao momento exatamente oposto, isto é, o do nascimento psíquico, sem dúvida defasado em relação ao parto. Quando o real não é rejeitado sumariamente (autismo), o bebê ingressará paulatinamente na lógica da diferenciação, processo devidamente atestado pelo reconhecimento da própria imagem, que antecede a emergência do pronome pessoal da primeira pessoa do singular proferido em causa própria.

Entretanto, mesmo essa distância arduamente obtida pode ceder ao apelo do corpo celeste materno, cujo grau de atração orbitaliza a tudo e a todos. Nos casos mais drásticos, a esquizofrenia encarregar-se-á de abolir a identidade insuportável e a paranóia desejará fazê-lo sem que o sujeito possa reconhecer-se nesse movimento, atribuído ao outro. Já a psicose maníaco-depressiva... bem, Freud situou o suicídio justamente aí. *“É exclusivamente esse sadismo, que soluciona o enigma da tendência ao*

*suicídio, que torna a melancolia tão interessante - e tão perigosa” (Luto e Melancolia, XIV, 284).*

Para surpreender a melancolia na intimidade, nada melhor do que dirigir o olhar para o espelho da mania onde ela se reflete. O eufórico vivencia a posse do objeto mágico, pela qual compensa a dependência anterior. Na linguagem da paixão diz-se freqüentemente: “agora que és minha, tudo se tornou possível, o mundo inteiro me pertence”. Assim, poder-se-ia serializar um trajeto, que parte da simbiose, passa pela diferenciação (precária), instaura a relação eu-outro sob a égide da dependência do sujeito e desemboca em sua (aparente?) emancipação.

Mas, conforme a sábia advertência clássica, “os deuses elevam previamente àqueles que querem destruir”. A dificuldade de arder à posição de sujeito explica-se pelos altos custos do desejo, indexados pela taxa da falta. Nada mais grato do que a ilusão de possuir a fonte do amor incondicional, que Ponce de Leon já buscava sob o pseudônimo de “eterna juventude”; nada mais terrível do que perdê-la. Assim, deixa-se a simbiose pesarosamente, sob os auspícios de uma promessa que não poderá ser cumprida. O logro é às vezes denunciado amargamente, a perda decretada insubstituível, a indenização adiada para a próxima idade de ouro, ou, inversamente, chorada como inalcançável no muro das lamentações do paraíso eterna e quotidianamente perdido.

*“Nas duas situações opostas, de paixão intensa e de suicídio, o ego é dominado pelo objeto, embora de maneiras totalmente diferentes” (Luto e Melancolia, XIV, 285).*

Tudo se passa como se, a partir da puberdade, se recolocasse uma questão em tudo e por tudo semelhante à do nascimento. O desejo sexual, *strictu senso*, exacerba e peculiariza a demanda em relação ao outro, a quem se delega então o veredicto sobre nosso lugar - ou não - neste mundo. O pedido de reconhecimento torna crucial uma resposta. Pode-se sair da paixão vacinado - ou não - em relação ao vírus da dependência. Pode-se eleger um critério dilatório para buscar corresponder ao ideal de perfeição entronizado - poder, riqueza, êxito. Portanto, a perda - seja direta (amor), seja indireta (posses, posição social) - está sempre a um passo de significar a revogação do nosso visto de permanência nessa terra estrangeira que é o “real”. O outro, delegado das funções de tirano insaciável, retém a palavra final sobre nossa existência. Quando nascemos, se trata de saber se o lugar correspondente está efetivamente reservado; quando acedemos à posição de sujeito, podemos exigir um aval semelhante, caso em

que a dependência repetirá o cenário pós-natal; ou, inversamente, aceitar conquistar um lugar ao sol do desejo alheio mediante outras armas, isto é, construindo relações de dependência mútua, por equiparação do dar ao receber.

A paixão vivenciada como correspondida significa uma fusão benéfica em que empresa deficitária - o eu - só tem a ganhar mediante uma identificação total com o ser todo-poderoso representado pelo outro divinizado. Certos místicos falam da dissolução - da reunião - em Deus como apaixonados não saberiam fazê-lo. A paixão vivenciada através da rejeição não poderia senão exacerbar o ódio ligado à dependência; mas na medida em que toda paixão implica em fusão, o apaixonado também se vê com o mesmo olhar terrível e fulminante do outro que despreza e anula. Se amados, podemos igualmente amar-nos; seremos participes da excelsa natureza divina. A recíproca, evidentemente, é verdadeira. O suicídio seria então o gesto pelo qual, transformados no outro, realizamos o seu desejo de abolir-nos, mas também, permanecendo “nós mesmos”, vingamo-nos da crueldade mediante um decreto semelhante exarado em intenção do juiz. Mais uma vez a metáfora religiosa servirá de ilustração: a vida eterna pereniza a vivência ideal de uma situação pela qual a divindade reproduz incessantemente o acolhimento indicado a esse ser criado do nada, “ex-nihilo”, que somos, celebrando o preenchimento do vazio anterior a nosso advento; o suicídio, pelo contrário, reverte o quadro idílico, significando o fim da repetição exaustiva da rejeição permanentemente reiterada.

Objetar-se-á que talvez nem todas as formas de suicídio cabem nessa conceituação. Manifestações culturais como o harakiri ou econômicas como a auto-imolação dos velhos na sociedade esquimó, atos de patriotismo (kamikaze) ou heroísmo, morrer por uma causa... Poder-se-ia responder que essas expressões de renúncia radical diferem fundamentalmente do suicídio individual, na medida em que sugerem uma adesão e uma resignação prévias do protagonista, em quem raramente se detectam, nesses casos, sinais de desespero; mas, por outro lado, traem igualmente a presença da fusão, desta vez com o grupo, cujo valor torna-se então comparável ao da figura divina ou amada nas situações examinadas. Desse ponto de vista, o suicídio em causa própria e o sacrifício no altar da comunidade difeririam substancialmente, na medida em que o segundo significa a sobrevivência do grupo visada pelo ato então só aparentemente destrutivo; mas ambos exigiriam previamente a revogação retroativa do processo pelo qual se acedeu à identidade.

*“... Por las ramas del laurel,  
vi dos palomas desnudas;  
la una era la otra  
y las dos eran ninguna...”<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> La casida de las palomas. Federico Garcia-Lorca.